

**G**abrielle Bonheur Chanel trata-se da identidade quase secreta por trás de uma das personalidades mais icônicas da história da moda: Coco Chanel. Se já no século 20 a estilista francesa defendia que uma garota deveria ser o que ela quisesse, hoje estaria satisfeita ao perceber como as mulheres apropriaram-se do batom vermelho, um item que nem sempre foi bem visto, porém, ao longo da história, esteve presente em uma série de revoluções como um símbolo de força e poder.

Por todo vigor que o batom confere ao presente disruptivo das mulheres, **Vivacità** traz no logo a tonalidade “Coco Gabrielle 444”, que homenageia a revolucionária da moda e o público feminino, que com o vermelho nos lábios, sente-se com mais autoestima e autoconfiança.

“O batom que nós conhecemos, em formato de bastão, é algo muito recente, do século 20. Anteriormente, eram brilhos em potes, à base de cera, usado até mesmo por homens. Isso vem desde os povos mais antigos, dos mesopotâmicos aos egípcios, que usavam materiais altamente perigosos à saúde, mas obviamente não sabiam, pelo diferencial da cor”, explica João Braga, professor de História da Moda da FAAP.

Se hoje existe um batom vermelho para cada ocasião, nem sempre foi assim. No passado, não era permitido às mulheres da alta sociedade o uso de qualquer tipo de maquiagem. Colorir os lábios era atributo de atrizes do teatro ou meretrizes, uma vez que o batom era tido como uma tática de sensualidade, portanto, algo promíscuo.



*Gabrielle Bonheur Chanel, a estilista Coco Chanel, é considerada uma revolucionária da moda; ela desempenhou um papel fundamental para estimular a independência e a liberdade das mulheres por meio das roupas*

